

GT 6 - Ideologias, cultura e meios de comunicação

Pesquisa e ação direta: definições e resumo histórico dos *think tanks* conservadores e sua disseminação pela América Latina

Victor Finkler Lachowski¹

Resumo

Esta pesquisa traz os *think tanks* conservadores como objeto de estudo, instituições de pesquisa voltadas a atender demandas específicas e também atuam como divulgadores de ideologias de grupos de interesses que os financiam. O tema ainda é pouco estudado no Brasil, mesmo o país apresentando um alto número de *think tanks*. Esta análise descritiva utiliza documentos e bibliografia, com a primeira parte de seu desenvolvimento sendo dedicado às definições de *think tanks* dadas por diferentes autores, e a segunda parte elabora uma narrativa histórica, para o leitor entender as mudanças que os *think tanks* sofreram ao longo do Século XX e como estão ativamente presentes até os dias atuais.

Como resultados, entende-se como estes surgiram, e as alterações de atuação e de modelos existentes ao longo da história. Bem como as razões da elite econômica investir para os *think tanks* serem moldadores da opinião pública, bem como influenciadores do clima político.

Palavras-chave: *think tanks*; direita política; opinião pública; políticas públicas; neoliberalismo/conservadorismo.

Introdução

Think tanks são definidos por Rocha (2015) como instituições de pesquisa permanentes, voltadas para a análise políticas para atuação na sociedade civil. Procuram informar e influenciar instâncias governamentais e a opinião pública para adoção de determinadas políticas públicas. Essas instituições podem ser independentes ou associadas a grupos com interesses específicos, e atuam na intersecção entre a acadêmica, comunidades formadoras de conhecimento e esfera pública, traduzindo resultados de pesquisas para uma linguagem mais acessível para implementação de políticas públicas para a população. Os *think tanks* conservadores associados a grupos de interesses, atuam como braços de relações públicas, promovendo a ideologia dos grupos na mídia, se apresentando como

¹ Graduando em Publicidade & Propaganda na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: victorlachowski@hotmail.com.

instituições independentes e com opiniões “neutras”, mas cujo real interesse é influenciar no processo político de formulação e implementação de políticas públicas (ROCHA, 2015). E seus ideais principais são: o livre mercado, o fim da intervenção do Estado na economia, a expressão religiosa cristã e os valores familiares tradicionais.

O modelo de *think tanks* mais comuns dos anos 80 para cá são os *advocacy think tanks* (WEAVER, 1989). Esse modelo mais recente visa influenciar o “clima político” de maneira mais abrangente. Deixam de lado a produção de pesquisas científicas aparentemente “neutras”, e empregam seus recursos em estratégias de marketing e comunicação direcionadas a grupos políticos específicos, grandes veículos de mídias e para a públicos que sejam condizentes com sua orientação político-ideológica (ROCHA, 2015).

Apesar de existirem pesquisas e referenciais sobre o histórico, definições, *cases*, estudos de exploração etc., a expressão *think tank* ainda é pouco conhecida no Brasil, assim como as pesquisas acadêmicas desenvolvidas sobre o tema. Em 2015, o país abrigava 82 organizações do tipo, sendo o segundo país da América Latina em número de *think tanks*, atrás apenas da Argentina (137) e à frente do México (60). O Brasil também tem dos 7 dos 50 *think tanks* mais importantes da América do Sul/Central, e o 18º mais importante do mundo: a Fundação Getúlio Vargas (ROCHA, 2015). Isso demonstra a relevância do tema para várias áreas de pesquisa, como a comunicação, ciências políticas, políticas públicas etc., e a necessidade de se desenvolver mais estudos sobre.

Essa pesquisa visa os *think tanks* ideologia conservadora, trazendo perspectivas de diversos autores sobre as definições desse modelo de organização, seu histórico, o poder de influência destes, bem como suas inserções dos EUA/Europa para a América Latina/Brasil, trazendo alguns exemplos de *think tanks* e suas maneiras de atuação.

Para isso foram selecionadas pesquisas nacionais e internacionais sobre o tema, com diferentes observações e percepções moldadas tanto pelas localidades desses estudos, quanto pela época em que foram escritos/publicados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa descritiva é realizada com uma abordagem inteiramente documental e bibliográfica. Onde diversas pesquisas e documentos publicados sobre *think tanks*, de autores nacionais e estrangeiros, são descritas e, até certo ponto, comparadas.

A primeira parte deste estudo apresenta diferentes definições e observações de *think tank* e seus métodos de atuação, com embasamento dos três principais tipos de *think tank* de R. Kent Weaver (1989), da multiheteronomia de Medvetz (2008), das análises de documentos de Daniel Reis Silva (2018) e as observações de Richard Fink (2012).

E a segunda parte apresenta um histórico dos *think tanks* e alguns exemplos de organizações do gênero, desde seus primeiros exemplos, até a disseminação do modelo pelo mundo com o auxílio da pesquisa de Camila Rocha (2015), e a partir dos anos 80 a cronologia se volta quase que exclusivamente para a América Latina e Brasil, com base em autores já citados e complementados por Daniel Gros (2006) e o artigo de Karen Fischer e Dieter Plehwe (2013). A divisão ideológica dos *think tanks* abordada é explicada por Andrew Rich (2011)

Os referenciais utilizados vão desde documentos elaborados para se incentivar a criação de *think tanks*, até reportagens que buscam investigar a influência deste em diferentes cenários políticos, também são utilizados diversos artigos publicados em congressos, periódicos e capítulos de livros.

DEFINIÇÕES E FORMAS DE ATUAÇÃO DOS THINK TANKS

Um dos primeiros trabalhos acadêmicos de expressão sobre *think tanks* é o artigo *The changing world of think tanks*, onde Weaver (1989) explica como cada modelo de *think tank* deve corresponder a um objetivo, público, área de atuação, áreas políticas ou processos políticos específicos.

E os define em 3 tipos principais: 1) “universidades sem estudantes”, que não possuem métodos e relevância acadêmica, mas produzem pesquisas em quantidade massiva para solucionar problemas específicos; 2) “pesquisadores não-profissionais contratados pelo governo”, organizações de pesquisa contratadas por agências governamentais para realizar estudos sobre um tema previamente definido (também podem repassar partes de suas doações e financiamentos para pesquisas externas que sejam de seu interesse); 3) “*advocacy think tanks*”, combinam políticas partidárias ou ideológicas fortes, com técnicas de venda agressivas e presença constante nos debates políticos. Esse modelo produz pesquisas originais e didáticas, feitas para serem acessíveis a elaboradores de políticas públicas (WEAVER, 1989).

O autor finaliza explicando alguns dos meios de disseminação de ideias dos *think tanks*, como livros gratuitos, contratos com institutos públicos, colunas de opinião em jornais de grande circulação diária, e pagam por pesquisas de fora para publicarem em seus meios. (WEAVER, 1989).

Outra pesquisa que aprofunda as definições e formas de atuação nessas instituições é *Think tank as an emergent field*, de Medvetz (2008). Para ele, os *think tanks* e seus principais representantes não são independentes, e sim financiados por firmas envolvidas em lobbying e grupos empresariais. O ponto principal de suas atuações é que eles não são heterônomos, são multiheterônomos, ou seja, ocupam o intermédio de várias áreas, com espaço no meio acadêmico, político, econômico e de mídia. Atuam com divisões cada vez mais transparentes como centros de pesquisa, grupos de advocacia e empresas de relações públicas.

E boa parte dos *think tanks* conservadores se mantêm através de doações de fundações privadas, indivíduos ricos e corporações, possuem alianças com centros de pesquisas em universidades, partidos políticos, coligações congressistas e grupos de advocacia. Sendo espaços com muita estrutura e treinamento (MEDVETZ, 2008).

Daniel Reis Silva (2018), em seu artigo “*Think tanks* ideológicos e a formação da opinião pública: Reflexões sobre grupos conservadores, suas redes e os estudos de comunicação” revisa a literatura existente sobre *think tanks* e se apoia principalmente nas obras “O Memorando Powell”, de 1971, e o texto “*The Structure of Social Change*”, de 1980.

Para o autor, *think tanks* são definidos como “organizações políticas independentes, não pautadas por interesses privados e sem fins lucrativos que produzem e se amparam em conhecimentos especializados e ideias para obter apoio e influenciar o processo de elaboração de políticas públicas” (SILVA, 2018, p. 4).

Na visão dele, os modelos de *think tanks* de ideologia conservadora surgiram para manipular as tomadas de decisões políticas, deixando de lado o sentimento partidário para implantar propostas de políticas públicas. Essas organizações seriam “vendedoras de ideias”, se apresentando como instituições de pesquisa para persuadirem jornalistas e a opinião pública sobre os malefícios do planejamento estatal.

Tiveram expansão a partir da década de 1970. O salto foi de menos de 60 *think tanks* nos EUA em 1970, para 1.835 em 2015, impulsionados por um engajamento de indivíduos e corporações pertencentes a elite econômica, com ideais de direita libertária e conservadora (SILVA, 2018).

Em sua análise sobre o Memorando Powell, Silva (2018) destaca que o documento foi feito para incentivar as elites a abandonarem o financiamento eleitoral, e investirem em estratégias de relações públicas visando mudar a opinião pública e as ações governamentais.

O documento incentiva a presença dos “especialistas” membros de *think tanks* no debate político público, pois suas opiniões aparentemente “neutras” seriam catalisadoras e com isso ganhariam apoio popular. E que os *think tanks* devem ocultar as corporações e outros financiadores, para que esses se protejam e não sofram pressões públicas (SILVA, 2018).

Sobre o documento *The structure of social change*, Silva (2018) começa destacando que o foco deste é orientar as ações da *Koch Industries* no que tange os *think tanks*. Ele destaca a existência do “Kochtopus”: um emaranhado de *think tanks* e grupos criados para interferir nos rumos dos debates sobre questões locais, nacionais e globais.

Richard Fink, autor do documento, concebeu o texto para defender que a “manufatura de mudanças políticas deveria ser abordada como um produto” (SILVA, 2018, p. 15).

Tem como foco determinar os investimentos mais eficientes e rentáveis para disseminar ideais libertários. Lembrando que é um cenário pós-Powell, onde já existem vários *think tanks*, espalhados principalmente por EUA e Inglaterra. A reflexão de Fink se centra em três dimensões estratégicas: 1) universidades (para adquirir credibilidade), 2) grupos feitos para influenciar o debate político e 3) tentativas de ação política direta.

A “ação direta” é caracterizada por ser realizada por movimentos locais, com lutas agressivas que impactam de forma imediata os cidadãos à sua volta. (SILVA, 2018).

Na perspectiva do autor, os *think tanks* criam propostas e soluções para políticas públicas de maneira mais rápida e numa perspectiva de “mundo real”, sem ficarem presas a conceitos abstratos, teorias que precisam ser adaptadas e livros que ninguém vai ler das universidades. E com isso os *think tanks* podem interagir com a mídia e atuar como relações públicas. (FINK, 2012)

HISTÓRICO DOS THINK TANKS.

Em seu artigo “Direita em rede: *think tanks* na América Latina”, Camila Rocha (2015) conta que os primeiros *think tanks* foram criados na primeira metade do Século XX, nos EUA. Eram organizações civis privadas, se mantendo por doações de pessoas físicas ou jurídicas. Técnicos e especialistas se reuniram para realizar pesquisas científicas sobre políticas públicas de forma autônoma e independente, atendendo grupos de interesses específicos. O primeiro *think tank* surgiu em 1927. *Brookings’* surgiu como um instituto de pesquisa apolítico, e adquiriu reputação com a cúpula conservadora do *New Deal*, e depois com os liberais da *Great Society*, e realizou pesquisas contratadas pelo governo federal dos EUA. Sua equipe possuía cientistas políticos e economistas, com alguns jornalistas e agentes do governo. Outro exemplo da primeira leva de *think tanks* é o *The American Enterprise Institute for Public Policy Research (AEI)*, de 1943. Esse se identifica como uma instituição abertamente conservadora, com quase dois terços de seus recursos vindo de corporações (WEAVER, 1989).

Nos anos 50 os *think tanks* ganham outra dimensão com o início das atividades do *Institute For Economic Affairs (IEA)*, fundado em 1955. O principal diferencial desse grupo é a aproximação com as atividades de relações públicas, uma vez que ele já possuía um posicionamento (conservador), seu objetivo era vender aquele posicionamento para a sociedade britânica (SILVA, 2018).

Até os anos 70, nos EUA, a elite norte-americana financiava campanhas, mas com o memorando de Powell, de 1971, os bilionários se juntam para financiar a disseminação dos ideais conservadores e libertários para capturar a opinião pública e assim aproximar os ideais de livre mercado do *mainstream* político. Doações ilimitadas por parte de instituições filantrópicas livres de impostos, que boa parte dos bilionários possuem, começaram a ir para os *think tanks* (SILVA, 2018).

Para Gros (2006), em “Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República”, a doutrina conservadora na economia, de dar liberdade ao setor privado e limitar a intervenção estatal, passou a ser fundamento de políticas públicas em boa parte das democracias ocidentais a partir do final dos anos 70 e durante a década de 1980. Tendo como principais representantes práticos o governo Thatcher, na Grã-Bretanha, e Reagan, nos Estados Unidos, além de vários outros governos de direita na Europa ocidental.

Nos anos 70, os *think tanks* ativistas (*advocacy think tanks*) nos EUA crescem em números e influenciam diretamente na criação/manutenção da maior parte da rede de *think tanks* que existe até hoje na América Latina, com apoio de material, treinamento de pessoal e intercâmbio de ideias e expertise (ROCHA, 2015).

Nesse período surgem, por exemplo, a *Heritage Foundation* e o *Cato Institute*. A *Heritage* marcou o início de um formato de *think tank* voltado para estratégias de marketing agressivas para defender ideais políticos de direita. Com o uso dessas estratégias de marketing o número de *think tanks* salta. 1970 e 2000 o número nos EUA foi de menos de 70 para 300 organizações atuantes (ROCHA, 2015)

Rich (2011) em seu artigo “*Think Tanks and the Intersection of Ideology, Advocacy, and Influence*” apresenta o crescimento dos *think tanks* conservadores nos anos 90, sendo esses muito mais expressivos que os progressistas. E, para o autor, os *think tanks* estão cada vez mais presentes e influentes na mídia e na opinião pública.

Quanto aos papéis ideológicos, os *think tanks* progressistas utilizam programas e políticas governamentais para solucionar as desigualdades econômicas, sociais, e de gênero, bem como incentivar o desenvolvimento sustentável e reduzir os gastos na defesa nacional. Enquanto os conservadores apoiam e promovem o livre mercado, o fim da intervenção do Estado na economia, a expressão religiosa cristã e valores familiares tradicionais.

Na pesquisa do autor, em 1970, 75% dos *think tanks* eram de centro ou não ideológicos, e 25% conservadores ou progressistas; e em 1996 os de centro ou não ideológicos eram 45%, e os conservadores ou progressistas somavam 54%. Destes, 65% eram conservadores e 35% progressistas (RICH, 2011)

Com quase dois terços do total, os *think tanks* conservadores possuem uma grande vantagem em relação aos progressistas, uma vez que possuem financiamento quase ilimitado por atenderem as necessidades de grandes grupos empresariais. Isso faz com que impactem a criação de políticas e as decisões da sociedade e de políticos. (RICH, 2011). Mas como experimentar a força dos *think tanks* em um cenário político nacional amplo? Para responder essa questão *Atlas Network* - fundada na Inglaterra por Antony Fisher - mesmo fundador do IEA - decidiu investir na criação de *think tanks* na primeira experiência neoliberal sistemática do mundo: o Chile (GROS, 2006). A *Atlas* possui como estratégia o repasse de financiamento e treinamento para organizar novos *think tanks* parceiros ao

redor do mundo. E com o sucesso do experimento no Chile, investiram em formar e estruturar vários *think tanks* no continente latino.

Como destacam Fischer e Plehwe (2013) em “*Pink Tide ’and neoliberal civil society formation. Think tank networks in Latin America*”, o neoliberalismo, na América Latina, é associado às ditaduras militares e ao Consenso de Washington, e muitos *think tanks* neoliberais atuam na América Latina, e boa parte deles não atuam sozinhos.

No caso do Chile, isso se enquadra perfeitamente, sendo o primeiro país a passar por uma grande reforma neoliberal, durante a ditadura de Pinochet.

E nos anos 80 e 90 temos as estruturas neoliberais no poder em boa parte do Continente. Ao longo da década de 1980, com a “crise da dívida externa” vários grupos de interesse nacionais e internacionais, alinhados ao “livre mercado” aproveitaram a conjuntura política e propuseram seus programas político-econômicos e passaram a encaminhar medidas que incentivassem a abertura dos mercados, cortes de gastos do Estado e a privatização de estatais (ROCHA, 2015).

Quanto ao Brasil, isso começou a ser mais visível com o surgimento dos Institutos Liberais, nos anos 80, numa conjuntura internacional de articulação das direitas e de globalização do capital financeiro, o centro do desenvolvimento do capitalismo. Os institutos servem para divulgar os ideais liberais através de propaganda com vários meios e atividades. O mais básico era a divulgação de boletins informativos mensais, enviados gratuitamente a associados, mídia, universidades, entidades empresariais etc. Possuíam um editorial com algum tema abordado na perspectiva liberal, como questões nacionais, traduções de artigos de *think tanks* estrangeiros, como *Heritage* e *Cato* (GROS, 2006)

Nos primeiros anos, os institutos brasileiros utilizaram a publicação de livros como principal meio de divulgar os ideais neoliberais/libertários, com obras consideradas fundamentais para se entender o pensamento liberal, sobretudo autores da Escola Austríaca de Economia - principalmente escola do pensamento libertário -, e alguns autores nacionais.

A partir dos anos 90, os institutos se dedicaram a promover discussões para tornar o programa do governo um programa neoliberal, com debates sobre projetos de lei e medidas provisórias sendo apresentados ao Congresso Nacional, assim como formulação

de projetos para políticas públicas. Os estudos e projetos são feitos sob contrato com especialistas e financiados por empresas brasileiras ou instituições liberais, como a *Thinker Foundation*, a *Atlas Economic Research Foundation* e o *Center for International Private Enterprise* dos Estados Unidos (GROS, 2006)

Detalhando um pouco sobre a *Atlas*, em 1990 a organização sediada em Washington já financiava e organizava uma rede com mais de 60 *think tanks*, e em 1991 era responsável por dar apoio financeiro e auxiliar o desenvolvimento de 78 “filiais” do IEA em vários países, sendo 31 na América Latina. Alguns *think tanks* do continente se juntaram a *Atlas* posteriormente, como o Instituto Liberal e o Instituto de Estudos Empresariais, fundados no Brasil nos anos de 1983 e 1984 (ROCHA, 2015).

A *Atlas* é considerada fundamental por ter dado homogeneidade nos discursos e práticas dos *think tanks* latino-americanos, que passaram a desempenhar estratégias e atividades semelhantes àquelas exercidas pelo IEA e outros *advocacy think tanks* norte-americanos (ROCHA, 2015).

Existem redes longas e estruturadas de *think tanks* por toda América Latina, podemos pegar de exemplo alguns vinculados a *Atlas Economic Research Foundation*, como o *Hispanic American Center for Economic Research (HACER)*, que possui 105 *think tanks* sob seu comando. Ambos estão associados ao *Red Liberal for Latin America (RELIAL)*, braço continental da *Liberal International (LI)*. (FISCHER E PLEHWE, 2013).

No Brasil possuímos vários outros exemplos de *think tanks*, muitos vinculados a *Atlas*, como:

Instituto Millenium: focado em reunir empresários, empreendedores e funcionários de gabinete e políticos através de eventos, palestras, congressos e uma rede de *networking* da organização. Tem Paulo Guedes (Ministro da Economia do governo Bolsonaro) como um de seus fundadores. São parceiros do: Instituto de Estudos Empresariais (IEE); do Instituto Liberdade do Rio Grande do Sul; Estudantes pela Liberdade, que criou o MBL; Mises Brasil; Instituto Ordem Livre; e do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista, do Rio de Janeiro, ligado ao Opus Dei (AMARAL, 2015).

Students for Liberty: presente na Europa, América Latina (incluindo Brasil, com o Estudantes Pela Liberdade), África, Sul da Ásia e Pacífico Asiático. Mobiliza movimentos

estudantis em vários países para disseminar o libertarianismo. Possui o Movimento Brasil Livre (MBL) como extensão (BARBOSA, 2017).

Livres, um movimento de direita liberal incubado dentro do PSL (Partido Social Liberal), mas se rescindiu do partido com a candidatura de Jair Bolsonaro em 2018. Fundado em 2016, possui alguns políticos eleitos (LIVRES, online).

CONCLUSÃO

Através da junção de diferentes autores sobre o tema percebemos algumas características semelhantes, como a busca por credibilidade (seja acadêmica ou na opinião pública), a expansão de modelos e nichos onde os *think tanks* começaram a atuar, o desejo constante de alterar ou aplicar políticas públicas. Entendemos como os *think tanks* começaram com um propósito específico na primeira metade do Século XX, a partir dos anos 50 começaram a servir aos interesses da elite econômica, e nos anos 70 se tornaram alternativa para investimentos da burguesia, está cansada de investir em campanhas eleitorais. Nos anos 80 os *think tanks* passam a atuar em um nível bem mais politizado, através do *advocacy think tanks*, e começam a utilizar ferramentas de marketing e relações públicas cada vez mais agressivas, com o objetivo de influenciar na opinião pública.

Esta pesquisa espera ter contribuído para auxiliar estudantes e pesquisadores que não conheciam do tema, trazendo definições e dando uma breve cronologia sobre os *think tanks*. O artigo apresenta autores relevantes para o tema e incentiva o leitor a procurar ler esses referenciais para aprofundar seus conhecimentos.

Como dito anteriormente, existe pouca pesquisa no universo acadêmico sobre os *think tanks*, menos ainda no Brasil, onde o objeto não é popular. Esta pesquisa espera incentivar pesquisadores e futuros acadêmicos a escreverem e aprimorarem os estudos brasileiros no tema. Além disso, boa parte da bibliografia norte-americana e europeia demanda altos custos para ser adquirida, sendo outro empecilho. É importante ressaltar que, apesar de todos os panoramas apresentados nesta pesquisa, entender até onde os *think tanks* moldam a opinião pública demanda diversos outros estudos, com metodologias variadas, e se espera que possam ser realizadas no futuro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marina. (2015) **A nova roupagem da direita.** Disponível em <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>.

BARBOSA, Joaquim. “**Movimento Brasil Livre (MBL)**” e “**Estudantes Pela Liberdade (EPL)**”: ativismo político, think tanks e protestos da direita no Brasil contemporâneo. Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/11078-movimento-brasil-livre-mbl-e-estudantes-pela-liberdade-epl-ativismo-politico-think-tanks-e-protestos-da-direita-no-brasil-contemporaneo/file>>.

FINK, R. **The Structure of social change.** Liberty Guide, 18 out. 2012.

FISCHER, K.; PLEHWE, D. **The ‘Pink Tide’ and neoliberal civil society formation.** Think tank networks in Latin America. State of nature—an online journal of radical ideas, 2013.

GROS, D. **Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República.** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006.

LIVRES. **Sobre.** Disponível em <<https://www.eusoulivres.org/sobre/>>.

MEDVETZ, T. **Think tanks as an emergent field.** New York: The Social Science Research Council, 2008.

RICH, A. U.S. **Think Tanks and the Intersection of Ideology, Advocacy, and Influence.** NIRA Review. V. 8, n. 1, p. 54-59. 2011.

ROCHA, Camila. (2015), “**Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina**”, In: S. Cruz et al. (orgs.), **Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro.** São Paulo, Perseu Abramo, pp. 261-278.

SILVA, Daniel. **Think tanks ideológicos e a formação da opinião pública: reflexões sobre grupos conservadores, suas redes e os estudos de comunicação.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXVII [Belo Horizonte, MG, 2018]. Anais eletrônicos... Belo Horizonte, MG, 2018.

WEAVER, R. K. **The changing world of think tanks.** PS: Political Science & Politics, v.22, n.3, p.563-578, 1989.